



UNICAMP

P09.16

EVENTO: Compositor Joe Zawinul no 25º Festival de Inverno de Campos do Jordão

VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO

DATA: 23 de fevereiro de 1994

PÁGINA: D 9

SEÇÃO: CADERNO 2



FESTIVAL DE INVERNO

Joe Zawinul traz sua sinfonia 'étnica' em julho

O compositor austríaco é atração confirmada do Festival de Inverno de Campos do Jordão

JEAN-YVES DE NEUFVILLE

O tecladista e compositor austríaco Joe Zawinul, fundador com Wayne Shorter do grupo de jazz-rock Weather Report (1971-1985), é uma das principais atrações do Festival de Inverno de Campos do Jordão deste ano. Zawinul tocou no Brasil em 1991 com sua banda, Zawinul Syndicate, por ocasião do Free Jazz Festival. Mas o trabalho que ele vai apresentar desta vez deve desorientar até mesmo os mais ecléticos jazzófilos.

Trata-se de uma sinfonia para orquestra em sete movimentos, que tem por título *Histórias do Danúbio* — uma obra diferente, na forma e no fundo, de tudo o que Zawinul, 61 anos, já compôs ao longo de sua carreira, começada no início dos anos 50. Para o concerto no Brasil, o compositor conta com a Orquestra Jazz Sinfônica, e virá acompanhado de alguns músicos e do maestro alemão Casper Richter, que foi diretor artístico da Ópera de Berlim e do Festival Internacional de Verão de Berlim, e hoje dirige o Festival de Verão de Innsbruck.

Em entrevista exclusiva ao *Caderno 2*, por telefone de Los Angeles, Joe Zawinul descreveu os múltiplos aspectos de sua sinfonia.

Caderno 2 — Você é austríaco, mas vive desde 1959 nos EUA. Em 92, voltou ao seu país para estreitar uma sinfonia sobre a sua história. É uma volta às raízes?

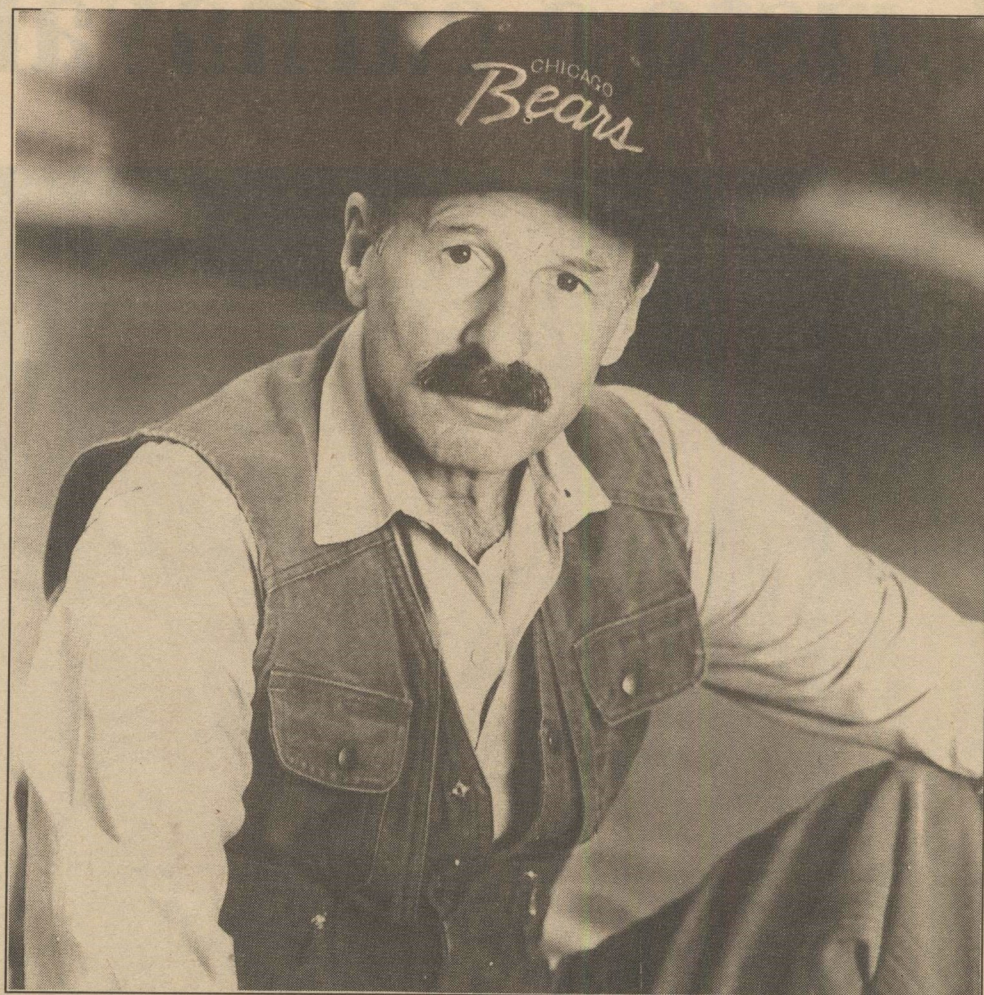
Joe Zawinul — Eu continuo morando em Los Angeles, mas viajo com frequência para o meu país. Compus essa sinfonia a partir de uma encomenda da Brucknerhaus, em Linz. A estréia aconteceu no ano passado, como parte do *Linzner Donauklängevolke*, uma festa popular dedicada ao Danúbio, ao ar livre, na abertura do Festival Bruckner de 93, e foi vista por cerca de 80 mil pessoas. A sinfonia requereu 85 instrumentistas. Levei o maestro, alguns músicos e dois cantores que também são sacerdotes, o guitarrista indiano Amit Chatteajii e Burhan Boezal, multiinstrumentista genial de Istambul. Eu mesmo toco as partes dos teclados.

Caderno 2 — A sua abordagem para compor esta sinfonia foi diferente do que costuma fazer no jazz?

Zawinul — Essa sinfonia foi inteiramente improvisada em três dias. Depois, levei quatro meses para escrever os arranjos.

Caderno 2 — A sinfonia é um retrato da Áustria?

Zawinul — É uma busca da identidade do país, através da história do Império e da República, por meio de uma viagem que começa na nascente do Danúbio. Essa viagem passa pelas tendências e estilos que refletem a contribuição musical dos vários países que o Danúbio atra-



Joe Zawinul: agora, o mestre do jazz-rock improvisa e cria com formas eruditas

vessa — Hungria, Iugoslávia, Romênia, Bulgária — até o Mar Negro e os países que o cercam. A intenção foi fazer retratos dessas culturas.

Grande parte da herança cultural austríaca provém também da Turquia e da Armênia. O Sétimo Movimento da sinfonia fala da influência árabe, ou pelo menos da idéia que tenho dessa cultura. O Quarto Movimento descreve a contribuição dos ciganos, que são oriundos do leste da Índia. No conjunto, conto essa história na minha linguagem, a partir da minha

vivência na Áustria, um país onde cresci em contato com muitos povos diferentes.

Caderno 2 — Desde o seu trabalho no Weather Report você sempre deu ênfase às influências étnicas na sua música.

Zawinul — Todos nós somos "étnicos". Isso é mais forte para mim porque fui criado numa das regiões mais cosmopolitas do mundo.

Caderno 2 — Qual é a importância do jazz em sua sinfonia?

Zawinul — Nenhuma.

Caderno 2 — É uma obra completamente erudita?

Zawinul — Também não, exceto num dos movimentos, que retrata a Áustria do período clássico. Acima de tudo é uma obra moderna.

Caderno 2 — Hoje músicos de sua geração, como Chick Corea e Herbie Hancock, voltaram a tocar instrumentos acústicos. Qual é a importância do sintetizador para você?

Zawinul — É o mais incrível de todos os instrumentos já inventados. O problema é que as pessoas não sabem o que fazer com ele. É o caso dos músicos que você citou. A maioria tenta traduzir o que toca diretamente do piano. Isso não funciona. Cada som requer uma abordagem diferente, assim como para quem toca sax ou trompete. O sintetizador e o piano têm semelhança apenas visual.

Caderno 2 — Existe alguma chance de ver o Weather Report voltar a tocar?

Zawinul — Não. Mas estou preparando duas caixas-coletâneas do grupo, cada uma com quatro CDs compostas unicamente de material inédito, de estúdio e ao vivo.

Caderno 2 — O que representa para você a sua colaboração com Miles Davis, de 1968 a 1970?

Zawinul — Foi importante em termos de projeção. Ele foi um músico e um amigo maravilhoso. Embora eu só tenha gravado discos com ele, aprendi muito e sei que eu não seria o mesmo sem isso.

Caderno 2 — A Sinfonia 'Histórias do Danúbio' foi gravada?

Zawinul — Sim. Foi gravada por uma orquestra muito jovem, com média de idade de 23 anos, e será lançada mundialmente em abril, pela Sony Masterworks.

OBRA EXIGE 85 MÚSICOS E 2 CANTORES SACERDOTES



Meredith Monk: multimídia

Meredith Monk vem ao festival

A edição deste ano do Festival de Inverno de Campos do Jordão, que acontece de 2 a 24 de julho, promete mudanças sensíveis em relação às edições passadas. As mudanças promovidas pela nova equipe da Secretaria de Estado da Cultura começam pela escolha do elenco. Além de Joe Zawinul, já foi confirmada a participação do conjunto vocal Le Mystère des Voix Bulgares, da compositora multimídia Meredith Monk, do quarteto de cordas Turtle Island e do cantor paquistanês Nusrat Fateh Ali Khan.

Deste elenco, que promete uma mistura bastante eclética de música contemporânea com world music, apenas Meredith Monk ainda não confirmou em definitivo a sua presença. Can-

tora e compositora, ela já gravou uma dezena de discos, mas a sua atividade criativa passa também pelos campos da dança, teatro, cinema, vídeo e ópera, o que torna imprevisível o tipo de apresentação que poderá fazer.

A meio-caminho entre a tradição polifônica de seu país e a música popular, o conjunto vocal Le Mystère des Voix Bulgares, composto só por vozes femininas, é um dos mais cultuados hoje na Europa. Já o cantor paquistanês Nusrat Fateh Ali Khan, que tem vários discos gravados pelo selo Realworld, de Peter Gabriel, é um "deus" em seu país. Por fim, o quarteto de cordas Turtle Island cultiva a diversidade da tradição musical americana, mesclando jazz, blues e bluegrass. (J.Y.N.)